



POR PEDRO MARQUES LOPES

O Benfica ganhou 22 campeonatos em ditadura e 13 em democracia; o FC Porto venceu cinco em ditadura e 22 em democracia

PELOS vistos, ao Benfica não bastou que ao FC Porto tivessem sido retirados pontos suficientes, não está contente por não se estarem a repetir os erros humanos sistemáticos contra o FC Porto. Os da Luz exigem jogar sempre com vantagem e que os azuis e brancos sejam sempre prejudicados. Para tal resolveram solicitar uma reunião com os órgãos dirigentes da arbitragem para que seja como eles exigem e o seu treinador fez umas ameaças veladas de levantamento popular.

Rigorosamente, nada de novo. O clube do Estado Novo, aquele em que o capitão de equipa inaugurava a Ponte sobre o Tejo, aquele que via o ditador proibir a saída da sua principal vedeta, aquele em que o presidente da Federação tinha que ser seu adepto — com umas migalhas para Sporting e Belenenses que também podiam ter um presidente de vez em quando — sempre jogou com vantagem enquanto Portugal viveu em ditadura.

Os números não mentem: o Benfica ganhou 22 campeonatos durante a ditadura e 13 em democracia; o FC Porto venceu 5 durante a ditadura e 22 em democracia. Sem clubes oficiais do regime, com regras iguais para todos, o FC Porto ganhou mais campeonatos que todos os outros clubes juntos (Sporting 5 e Boavista 1).

Cansados de não terem a vantagem que acham que é seu direito natural, saudosos dos tempos da ditadura e de serem batidos a maioria das vezes em competência, profissionalismo e dedicação puseram-se a pensar. Algo estava errado. Não podia ser. Como seria possível meia dúzia de tripeiros conseguirem ser melhor que 6 ou 10 ou 12 milhões (é a vontade do freguês) de adeptos? Só podia ser malandragem, ou melhor, uma malandragem maior do que aque-

la que foram construindo durante a ditadura — e que deixou parte dos seus tentáculos —, a que foi armando durante dezenas de anos elaborando uma teia gigantesca de cumplicidades, de truques, de criação de um clima comunicacional tolerante com os seus erros e eufórico com as suas virtudes. O Benfica lá foi tentando com os métodos de antigamente. Achou que era melhor pôr um tipo qualquer nas instâncias futebolísticas a ficar com um avançado, conseguiu fazer com que um jogo decisivo não se jogasse no campo do adversário mas a 300 quilómetros de distância, teve o engenho de castigar o melhor jogador a atuar em Portugal a 4 meses de castigo através da mais indecente cabala que há memória entre outras indecências a que se convencionou chamar «a regeneração do futebol português» ou seja, vale tudo para que o FC Porto não ganhe. Lá conseguiram ganhar um campeonato ou outro, mas não foi o suficiente para sequer equilibrar a balança de troféus conquistados durante a democracia. Era preciso uma explicação para justificar os sucessos portistas. E eis que chegou: Apito dourado. Uma intontona patética de que os tribunais a sério se riram, mas que serve como bode expiatório da incompetência benfiquista.

O FC Porto ganha um campeonato? Apito dourado. Tricampeonato? Apito dourado. Tetras? Apito dourado. Um pentacampeonato? Apito dourado. Uma

Liga dos Campeões? Apito dourado. Uma Taça dos Campeões? Apito dourado. Uma Taça UEFA? Apito dourado. Uma Liga Europa? Apito dourado. Uma Supertaça Europeia? Apito dourado. Vitórias nacionais e internacionais em todas as modalidades? Apito dourado.

Bastou o FC Porto ter saído da crise de resultados que vinha do último ano — o ano do colinho não conta como crise, já que todos sabemos como aconteceu a vitória benfiquista — e deixarmos de ser vítimas dos erros humanos da primeira volta deste campeonato e o pânico instalou-se nas hostes benfiquistas. E qual é a primeira coisa que se ouve mal os da Luz se sentem ameaçados. Pois claro: apito dourado. Desta vez, a ladainha começou mais cedo. O terror que se instalou para os lados de Benfica é tal, que nem chegou a ser preciso o FC Porto estar à frente da classificação ou ganhar o campeonato para ouvirmos a histeria benfiquista: Apito dourado, apito dourado, apito dourado. Cheira-me que a célebre reunião — que tão a propósito os dirigentes benfiquistas pediram antes de um jogo importante — vai ser monotemática: apito dourado.

É deixá-los a brincar sozinhos com os cochichos, mantermo-nos muitíssimo atentos para que as poucas vergonhas não se repitam e ganhar os nossos jogos. Domingo há já outro decisivo.



Pedro Marques Lopes está convencido de que Alex Telles foi imprevidente

Brasão abençoado O cochicho dos meninos

Agora no Delle Alpi

NÃO há derrotas boas ou más, há apenas derrotas. O brasão abençoado perdeu e não há nada que possa atenuar a dor da derrota.

No entanto, o treinador montou a tática apropriada, os jogadores foram competentes e deixaram tudo em campo. Se já era difícil jogar com uma das melhores equipas do mundo com onze jogadores, com dez foi impossível fazer melhor.

Talvez seja apenas o meu coração a falar, mas estou convencido que a tática escolhida pelo Nuno tinha grandes possibilidades de dar certo. Apostou-se na solidez da equipa a defender e no lançamento de contra-ataques rápidos. Para isso acrescentou-se o Rúben no meio campo, não só com a tarefa de defender mas também de lançar bolas em profundidade. Era suicídio tentar ganhar a batalha do meio campo e tentar tomar conta do jogo e o Nuno percebeu muito bem isso. Só ponho em dúvida a utilização do Herrera. Corona podia defender o lado direito tão bem como o Herrera defendeu e o Óliver podia ter ajudado a construir. Ou seja, Óliver mais descaído para a esquerda em vez de Brahim e Corona — que é mais vertical — titular em vez de Herrera. Mas não foi por aí que perdemos o jogo. Insisto, o Nuno esteve impecável, como aliás tem estado sempre nos grandes jogos. Claro está, a expulsão do Alex deu tudo por terra.

Agora é dar outra vez tudo no Delle Alpi, apostar na mesma tática, ter a sorte que não tivemos no Dragão e mostrar arreganho. Nada a temer se não o medo.

Alex Telles

TALVEZ o árbitro tenha exagerado quando expulsou o Alex Telles, mas não há dúvida que o brasileiro foi imprevidente. Há que dizer, porém, que o nosso lateral esquerdo tem sido um dos nossos melhores jogadores. Um rapaz que dá sempre tudo, com um enorme talento e que tem sido um esteio da equipa a defender e a atacar.

Todos cáfmos, a maneira como nos levantamos é que nos define. Grande Alex, domingo há jogo, mostra a massa de que és feito.

rquaresma@abola.pt

De trivela



POR RICARDO QUARESMA

A mão que dá e a mão que tira

DISSE Nuno Espírito Santo no final do jogo com a Juventus que o árbitro condicionou o resultado quando expulsou Alex Telles aos 27 minutos. Não contestou a justiça da decisão — nem podia, só podia mesmo queixar-se da imprudência do seu jogador —, mas afirmou que o alemão Felix Brych podia ter «contemporizado». Percebo a ideia do treinador do FC Porto. Até concordo com ela, porque um jogo em que uma equipa fique em inferioridade numérica ainda na primeira parte fica *estrágado* e muito menos interessante. Mas são as regras — não há lá nada que diga ao árbitro para contemporizar em nome do espetáculo — e enquanto não forem mudadas são para se cumprirem.

Posto isto, há também que lembrar que o FC Porto desse rigor dos árbitros beneficiou para chegar à fase de grupos da Liga dos Campeões. A justiça das decisões nos lances em causa (também) não merecem contestação, mas nos dois jogos do *play-off* Roma ficou reduzida a dez, ainda na primeira parte: Vermaelen foi expulso no Dragão aos 41 minutos e na segunda mão De Ros-

São as regras — não há lá nada que diga para contemporizar em nome do espetáculo

si viu o vermelho aos 40. E não consta que NES tenha vindo a terreno defender o espetáculo. Assim como não o fez no final das partidas com SC Braga (Artur Jorge expulso aos 35 minutos), Felrense (Icaro, aos 3), Moreirense (Francisco Galdes, aos 45) ou Tondela (Osório, aos 45+2).

Nuno Espírito Santo pode, claro, falar do assunto sempre que entender. Não deve é fazê-lo em tom crítico depois da sua equipa ser penalizada, esquecendo-se de que em situações semelhantes se referiu de forma elogiosa aos trabalhos de árbitros que tomaram as mesmas decisões, mas ao contrário. Este não é, atenção, um problema exclusivo do treinador do FC Porto. É até uma coisa muito portuguesa: «com o mal dos outros posso em bem», costuma dizer-se. Talvez seja esse um dos grandes problemas do nosso futebol...

